

CAROLINA MARTUSCELLI BORI

Arno Engelmann
Instituto de Psicologia - USP

Conheci Carolina Martuscelli Bori em março de 1955, na qualidade de aluno da disciplina “Introdução à Psicologia” no Curso Noturno de Filosofia. A disciplina era lecionada por Annita de Castilho e Marcondes Cabral, na regência da Cátedra, e uma sua assistente, Carolina. Carolina ensinava o que era a experimentação em psicologia. Nas poucas aulas que assisti, parecia que era uma boa iniciação ao que se denomina psicologia como ciência empírica. Além disso, e para mim, era o primeiro contato com o tema psicofísica, uma das divisões de mensuração da psicologia. Por motivos pessoais, não continuei este ano o curso de Filosofia. Fui encontrá-la mais tarde como assistente da Cadeira de Psicologia Educacional, junto ao Curso de Pedagogia.

Ainda que tivéssemos matérias psicológicas nos cursos de Filosofia e de Pedagogia, criou-se em nossa Faculdade o primeiro curso propriamente dito de Psicologia. O importante não era mais a classificação muito antiga que via na psicologia apenas uma parte da filosofia, mas como um estudo independente e científico. Em 1958, entrava a primeira turma. Seus professores eram os então docentes da Cadeira de Psicologia Educacional, ligada ao curso de Pedagogia, e da Cadeira de Psicologia, ligada ao curso de Filosofia. Carolina era uma das docentes que contribuíam para o novo curso lecionando Psicologia da Personalidade.

Apesar do curso de Psicologia funcionar desde 1958, ainda não se havia decidido quem iria lecionar algumas matérias. Psicologia Experimental deveria ser ministrada em dois anos. O primeiro ano de Psicologia Experimental era tarefa de ensino da Cadeira de Da. Annita. Quem ia dar aulas para o segundo? O Prof. Paulo Sawaya, diretor então da Faculdade

de Filosofia, convidou o Prof. Fred Keller da Columbia University, um correligionário e amigo de Skinner, para lecionar durante um ano a segunda parte do curso de Psicologia Experimental. O Prof. Keller veio em 1961 e deu aulas para os alunos do 3º e também para os do 4º ano. Suas aulas eram no Departamento de Fisiologia. Pessoas interessadas, ainda que não propriamente alunos do Curso de Psicologia, assistiam suas aulas. Carolina era uma delas. O Prof. Keller procurou fornecer as bases da psicologia, tal como era vista em 1961 pelo grupo skinneriano.

Carolina, inicialmente gestaltista, mudou sua orientação teórica na psicologia. Tornou-se behaviorista operante. Achou que a explicação skinneriana era melhor para o avanço da psicologia científica. E não era a única pessoa. Desde a chegada do Prof. Keller, um número crescente de psicólogos experimentais, e também alguns psicólogos clínicos, acharam que a nova maneira de ver a psicologia era, sem dúvida, a melhor.

Também comecei a assistir as aulas. Mas logo, fui desaconselhado pela Da. Annita a continuá-lo. Da. Annita parece que tinha medo que me “contagiasse” pelas idéias de Skinner. Apesar desse temor da minha então catedrática, por razões puramente teóricas, não concordo com essa visão. Tive, e tenho, as melhores relações pessoais com psicólogos que teoricamente utilizam a abordagem do behaviorismo radical.

Em 1968, o contrato de Da. Annita Cabral voltou a ser debatido na Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, já que ela não tinha feito até o momento tese de livre-docência. Após várias discussões, o contrato foi renovado por mais dois anos, período durante o qual Da. Annita teria mais uma vez o tempo para “terminar a tese”

Ao mesmo tempo, dada a Reforma Universitária, foi necessária uma reunião que transformasse a Cadeira de Psicologia num Departamento. O tipo de relacionamento entre a Da. Annita e seus assistentes era tenso na época. Estudantes de graduação, além disso, reclamavam sua representação nos Conselhos Departamentais.

Dentre os que se opunham a Da. Annita, entre os quais eu estava, a representação estudantil deveria ser de 1/3 do total do Conselho do Departamento. Da. Annita, na última hora, externou sua nova opinião a res-

peito da representação dos alunos: deveria ser de metade do Conselho. Somente os alunos do 1º ano se deixaram convencer por ela. Carolina foi eleita Chefe desse novo Departamento por grande maioria.

Carolina foi a primeira e única Chefe do Departamento de Psicologia Social e Experimental. O nome, evidentemente, vem de Annita Cabral, para quem a Psicologia Social era mais importantes do que a Psicologia Experimental. Os dois anos de Carolina na Chefia foram muito importantes. Os docentes passaram de meros funcionários subalternos da catedrática a um grupo em que todos os membros tinham a sua parte na direção do departamento. Essa mudança de atitude deve muito à Chefe de então, Carolina.

Da. Annita, depois da reunião, não falava com quase nenhum de seus antigos assistentes. Permaneceu numa sala do nosso departamento e mais tarde conseguiu a sua transferência para o outro Departamento, a ex-Cadeira de Psicologia Educacional. Pouco depois, ela se aposentou.

Dentro da Reforma Universitária, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras deixava de existir. Suas diversas Cadeiras se reorganizavam em Institutos ou Faculdades, como por exemplo, o Instituto de Física, o Instituto de Ciências Biológicas. Qual o lugar da psicologia nesse contexto? Era uma ciência biológica ou era uma ciência humana? Carolina era a favor da primeira solução. Depois de muita discussão entre os dois pontos de vista, a maioria entendeu que a psicologia deveria constituir um Instituto próprio.

Agora, que subdivisão dar à psicologia? Houve várias propostas quanto aos departamentos. Todas elas levavam em conta as outrora Cadeiras de Psicologia e de Psicologia Educacional. Carolina propôs uma divisão realmente nova. Dois departamentos seriam constituídos: o Departamento de Psicologia, pura e simplesmente, e o Departamento de Psicologia Aplicada, onde se reuniriam todas as utilizações práticas. A divisão evidentemente juntava docentes de Cadeiras diferentes. Carolina procurava uma classificação lógica e não em juntar docentes amigos. E, dentro dessa visão, a repartição era para ela a melhor, considerando-se os diversos interesses da psicologia como ciência e como utilização. Infelizmente, a proposta de Carolina não passou. Temos no

Instituto de Psicologia da USP quatro Departamentos, que se encontram algo imbricados.

Em 1969, criou-se o Instituto de Psicologia. Do Departamento de Psicologia Social e Experimental surgiram dois: Departamento de Psicologia Experimental ou PSE e Departamento de Psicologia Social e do Trabalho ou PST. Os Departamentos deveriam ter como chefe um docente titular. O único Departamento a ter um Professor Titular, ex-Catedrático, era o Departamento de Psicologia da Aprendizagem, Desenvolvimento e Escolar ou PSA. Na Reforma do Instituto conseguimos uma professora, na época titular, que lecionava psicologia na Escola de Educação Física, Maria José Mondego Moraes de Barros. Por lei, todos os docentes de psicologia iriam se reunir em nosso Instituto. Os dois outros Departamentos, o PST e o Departamento de Psicologia Clínica, foram tutelados por docentes do PSA.

De modo bem diferente de outras pessoas de orientação operante, o interesse principal da Carolina era, e continua sendo, por toda a psicologia experimental, e não apenas na teoria de Skinner. Tenho uma cabal prova disso com a minha orientação de doutoramento. Em 1968, dada a política universitária da época, deixei a orientação da Da. Annita e passei a recebê-la sob a orientação da Carolina. Pela primeira vez, um psicólogo, de formação bem anterior à minha, discutia comigo os vários pontos da tese. Reformou muito bem vários aspectos, pelo que mais uma vez agradeço. Mas, além disso, a sua abordagem teórica era diferente da minha. Acho que a psicologia não deveria ser puramente behaviorista. Minha maneira de ver os constructos psicológicos era, e é, mais cognitivista. Em nenhum momento recebi uma crítica do ponto de vista teórico. Acho que muitos outros orientandos da Carolina, de formação não skinneriana, responderão da mesma maneira à orientação recebida por ela. Em primeiro lugar, ela é psicóloga. Como psicóloga pode enxergar se o trabalho é bom ou não e quais os pontos que devem ser reformulados. Dentro das diversas correntes teóricas, prefere a do behaviorismo radical.

Há dois tipos de orientadores. A maioria, ao ver a publicação do seu trabalho de dissertação ou de tese, coloca seu nome ao lado do nome do ex-orientando. Outro tipo, coloca a orientação como uma das tarefas

do docente, mas acha que a publicação do trabalho é tarefa unicamente do mestre ou doutor. Carolina está neste último tipo. Se o seu nome fosse citado nas publicações por todos os mestres e doutores que obtiveram a sua orientação, o seu currículo seria muito mais amplo.

No longo período de mais de trinta anos em que tive a honra de ser seu colega do Departamento, Carolina me surpreendeu com diversas atitudes que, em suma, aumentam o valor da psicologia brasileira. Contribuiu enormemente para tornar a psicologia científica espalhada nos mais diversos recantos do país. De outro lado, não é qualquer psicologia, mas a psicologia que é feita arduamente, de acordo com bons princípios empíricos. Entretanto, o árduo com o tempo se torna agradável. Carolina, sem dúvida, é um dos maiores nomes entre os responsáveis pela psicologia no Brasil.